



tu nem
sabia que a
soubesse fugiria rapi

casas ladeadas.
balo ecoando em
essoas surgem do
as ruas de pedras.
ngas. Mulheres com
ertas, cabelos presos
sem nada mostrar.

É tudo isso que
essa loucura c
ensopando as
O desejo de
o recôndito
nas linhas
Que lê, im

Márcio Martelli
prosa e poesia

nda assim e
sim eu buscaria o seu
contaria as m
tridiria



eu nem que
sabia que a dor
soubesse fugiria rapidamente

casas ladeadas.
balão ecoando em
pessoas surgem do
ruas de pedras.
ngas. Mulheres com
bertas, cabelos presos
sem nada mostrar.

É tudo isso que
essa loucura q
ensopando as
o desejo de e
o recôndito
nas linhas
Que lê, im

Márcio Martelli
prosa e poesia

Ainda assim eu continuaria am
assim eu buscaria o seu
eu contaria as m
e dividiria

Todos os direitos de publicação reservados ao escritor Márcio Martelli,
detentor dos direitos autorais dos textos.

Proibido a reprodução total ou parcial desta obra
sem a prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiaí, Agosto de 2010

Os textos aqui reproduzidos são de autoria e responsabilidade
do seu autor e não representa, necessariamente, a opinião da editora.

Editor responsável e projeto gráfico: **Márcio Martelli**

Direção de Arte: **Guilherme Catalano**

Departamento de arte: **Juliana Bacoquina**

Assistente de Arte: **Lucas Pezzato**

Gerente Financeiro: **Ruth de Almeida Rodrigues**

Revisão gramatical: **Equipe Editora In House**

Assessor de imprensa: **William Brasil**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martelli, Márcio

Cinco / Márcio Martelli (org.).

-- Jundiaí, SP : Editora In House, 2010.

ISBN 978-85-78070-1

1. Prosa brasileira I. Título.

09-09497

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Prosa : Literatura brasileira 869.9

Publicado por:



Av. Dr. Sebastião Mendes Silva, 468 - Sala 2 - Anhangabaú - Jundiaí/SP

CEP 13.208-090 - Fone/Fax: (11) 4607-8747 / 9903-7599

www.editorainhouse.com.br • inhouse@terra.com.br

Dedicado para...

A família In House:
Guilherme Catalano, Juliana Bacochina,
Lucas Pezzato e para aquela que
é a alma da editora: **Ruth de Almeida Rodrigues**,
minha mãe. Sem vocês, eu não teria conseguido!
Cinco milhões de obrigados...

Aos meus amigos invisíveis – inspiradores e
coautores de grande parte dos meus textos.

Aos meus leitores, razão deste livro!

Muito obrigado a todos! Fiquem com Deus!

Márcio Martelli

Cinco minutos, não mais que...

Admirável universo de cores e sons: um perfeito caleidoscópio onde os efeitos do prisma nos levam à observação do cotidiano ao reencontrar os valores da crença no ser humano como um todo: matéria e espírito! Acredito que tenha sido do erudito Umberto Eco esta afirmativa: *“Chegados ao limiar da realização estética, tomamos assim consciência de que a ‘esteticidade’ não está mais do lado do discurso emotivo do que do lado do discurso referencial; a teoria da metáfora, por exemplo, prevê um rico uso de referências”*.

É o que pretende MM no emprego estético da linguagem (poética) associada ao uso emotivo de referências. O emprego do verbo é universal, os signos se multiplicam, mas o referencial é distinto: fundamenta-se na materialização da verdade ao percorrer infinitos espaços ainda vazios. E MM o faz com simplicidade, mas ao mesmo tempo abrasivo: nos desperta para o sentido da busca da lembrança para “o voltar” a SER. Já em *“Viver: um jogo perigoso”* ele nos dá os sinais da maioridade. Escrever é assim: parte do referencial que deságua no emotivo. E ele o faz muito bem, não obedecendo aos padrões rígidos acadêmicos. Longe disso, MM é singular na forma e visão, na concepção e na imagem e sua razão perturba ao mergulhar na ampliação das formas futuristas mesmo nos fatos passados: *“Todos foram entrando e se acomodando na pequena nave, até que a porta foi fechada”... “A luz entrando pela janela e dando formas que nem sequer passavam em sua cabeça”...*

“os livros sempre sabem do que precisamos”... “escrever é exorcizar os fantasmas que temos em nós mesmos”... “eu não escrevo. Eu transcrevo o que me sopram nos ouvidos”...

Apenas isto? Não! O que escrevo pode até parecer paradoxal: mas o Universo emite sons que poucos são aqueles que têm a capacidade de captar. MM, um dos sensíveis sensores captor do puro!

Poetar não é apenas um tempo de verbo somado a rimas e métrica: é a unidade que estabelece a cadência rítmica do órgão cordiano. MM sabe muito bem disto. Anatomista, explora sentimentos próprios: *“tenho a certeza de que ainda vou viver muito e terei de aprender que cada passo é um reflexo do passado que vivi e se espelhará no futuro que ainda estou moldando”.*

Vida longa, poeta!

Saiba: vi-me também na janelinha daquele ônibus rodando pelas ruas da minha Vitória, (desde Suá a Praia do Canto), quando de lá me despedi. As narrativas vão se refazendo a cada página. Os poemas surgem e a poesia aumenta: *“e eu, que sempre plantei sementes, deverei colher flores e frutos”*, e serão de perfumes e sabores vários. Não falei? Caleidoscópio: *“caco de vidro estilhaçado, pedaço de mim mesmo, solto por aí, à deriva, no mundo aguardando um sinal”.*

Eu os recebi todos! Coloco-me como ser privilegiado ao mergulhar, (em primeira mão), sua criação: obra angelicalmente *“esculturada”* pela estabilidade das formas adotadas.

Apresentar o que? Expor sentimentos sim, um privilégio: *“Ciel dont j'ai depasse La nuit”*. Gosto da forma, (em termos mais que humanos), de todos os elementos da paisagem urbana. Relembro Shelley, notável poeta inglês, nascido em 1792, vejo-o:

“Ave, espírito! – certo
Tu nunca foste ave –
Que do céu, ou perto,
Teu coração suave
Derramas sem pensar,
em arte sem entrave”.

Louvo o momento feliz do apertar de mãos. Conhecemos? Quem saberá dizer? A surpresa se revela nesta multiplicidade referencial e emotiva, que nos serve como fértil aproximação de espíritos iguais. Grato por premiar-me! Márcio Martelli não precisa de apresentações.

Jorge Lemos

Jornalista, poeta, escritor, historiador,
é Presidente do Conselho da AMLAC
Academia Metropolitana de Letras,
Artes e Ciências

Prasa

A missa

Soa o sino. Vejo as casas ladeadas. Ouço o soar do címbalo ecoando em minha mente. As pessoas surgem do nada e caminham pelas ruas de pedras. Suas vestes são longas. Mulheres com as cabeças cobertas, cabelos presos sem nada mostrar. Muito silêncio, nenhuma voz. Os meninos que corriam, desviam-se para longe dali, deixando uma procissão humana tomar conta das ruas a caminho da igreja.

Foi num final de tarde com sol que isso aconteceu. Era primavera. As ruas, algumas de terra, desprendiam sua poeira que subia até os nossos olhos, que ardiam e lacrimavam.

Ao longe, padre Bento saudava os fiéis. Todos foram entrando e se acomodando na pequena nave, até que a porta foi fechada. E era então, que a missa começava...

A obra

O claro e o escuro. A luz entrando pela janela e dando formas que nem sequer passavam por sua cabeça. O resultado era bom. Melhor do que pensara. Levantou-se, pegou pincel e tinta. A tela já estava montada. Mergulhou lentamente o pincel na água-ras e diluiu o óleo de linhaça. As cores foram mostrando-se. A imagem aparecendo. O pintor moldava a vida na ponta dos seus dedos e ela parecia assim: viva! Ele criava vida e era tudo o que ele queria: pintar sem parar...

Instante

Ela mal saiu do seu casulo e veio pousar na minha perna. “Eita, borboleta, que beleza!” Exclamei animado. Se a máquina estivesse aqui tiraria uma foto. Ela abriu suas asas. Ele parou de ler para vê-la. Tem tão pouco tempo a pobrezinha... O que é que come uma borboleta? E riu sem parar. De repente, um raio de sol começou a arder em sua perna espantando a intrépida visita. Seus olhos a seguem até o jardim, onde ela suavemente pousa nas flores. Ele, embevecido pela natureza, olha para o céu; faz uma pequena prece e retorna ao seu romance todo compenetrado.

Pequenos prazeres

– Dá vontade de comprar todos, não dá?

Era o que Simone dizia quando entrava naquela livraria. Ela nem sabia o que escolher: romance, poesia ou biografia? Deixava que a escolhessem. Os livros sempre sabem do que precisamos. E foi assim que ela fez. Fechou os olhos e ouviu os livros a chamarem. Quando os abriu, um exemplar parecia querer voar até ela. E ela foi até ele. Uma linda capa toda vermelha. O texto: um primor! Comprou-o sem pestanejar e, a noite, após ler uns três capítulos ela me ligou:

– Ai, que livro lindo! Ainda bem que você me ajudou a escolhê-lo! Obrigado.

Desliguei o telefone pensando: eu não fiz nada! Lembrei-me que ela era assim mesmo e segui a minha noite ouvindo o novo CD que havia comprado, no mesmo local. Preciso de tão pouco para ser feliz...

O vento soprando

Ele vinha correndo com os pratos na mão. No pé nenhum sapato. Ele vestia uma bermuda surrada com uma camiseta branca puída. O cabelo cortado feito tigela. No rosto, um óculos de lente grossa. Tropeçou. Coitado! Fez tanto barulho que a praça toda parou. Riram. Nem uma alma sequer para perguntar se tinha se machucado. Nem ele próprio. Não tinha tempo para isso. Levantou-se correndo e saiu num pé só.

– Corre, menino, corre que você chega logo!

E todo mundo riu.

Quando virou a esquina ouviu um sonoro “ele chegou!”. Todos se viraram para ele. O regente da banda, com cara de poucos amigos e sorriso de satisfeito, indicou-lhe o seu lugar. E ele foi.

Nem bem um minuto após a sua chegada e a banda marchava pelas ruas de Paquetá. A alegria tomou conta da pequena cidade. Era a banda dos meninos da ilha. Era lá que ele tocava, todo orgulhoso, o seu prato. Instrumento que lhe servia como uma luva.

A banda andou por todo o centro e parou na praça. Ele nem se lembrou de que estava sem sapato, aliás, não se lembrou de nada. Só foi se dar conta de que algo tinha acontecido quando a Aninha, rindo à beça, comentou:

– Ihhhh, o Tião tá com a bunda de fora!

E não é que ele tinha rasgado toda a parte de trás da bermuda? Quer saber? Ele nem ligou. Continuou tocando seu prato que era o que ele sabia fazer de melhor. Era tudo o que ele queria. Tocar na banda.

Escrever

Escrever é exorcizar os fantasmas que temos dentro de nós mesmos.

Escrever é tentar saciar uma fome infinda de um alimento que desconhecemos.

Escrever é conciliar os mundos em um só.

Explicar a escrita é impossível.

Será que apenas eu sinto que os meus textos não são somente meus?

Meus textos pertencem ao mundo depois de prontos.

E não é para ganhar dinheiro que escrevo; é para ganhar amigos e saldar dívidas passadas.

Escrever dói, mas é uma dor necessária à vida do escritor.

Todo escritor reconhece em seu texto traços do que viveu. Ou então, do que gostaria de ter vivido.

Eu não escrevo. Eu transcrevo o que me sopram aos ouvidos. Sou um mero contador de histórias de tempos remotos.

Minha palavra é a deles: poetas de outrora.

Márcio Martelli

Queria escrever um dia um texto que só me desse alegria, que fosse somente prazer. Escrever é sofrer devagarzinho arrancando do corpo a ferida, cicatrizando.

O texto é uma cicatriz.

O texto pronto é o fim de uma agonia.

O texto pronto é mais uma missão cumprida.

E não pense que escrever me é um fardo. Escrever é transpor todos os sentimentos que não consigo demonstrar ao vivo. É a minha alma que escreve. Sou apenas o instrumento. Sou o leitor. E como me surpreendo com o que venho a ler. Que orgulho sinto. E é nessa hora que descubro que não saberia fazer outra coisa na vida que não fosse escrever. Os livros são a minha vida.

Ecos da solidão ou A casa vazia

A casa vazia exala uma sensação de conforto inquieto, como quando se está feliz sem motivo, cujo sentimento pode finalizar-se num rompante.

O vazio da casa é um sussurro de titãs esbravejando nos ares a sua fúria reivindicando posse. Dá um certo frio e um aconchego inebriante.

A casa sem vozes, sem sons. A casa somente minha, livre para pecados e aberta para todo e qualquer despudor. A casa onde vivo.

Não tem portas essa casa, somente janelas. E não pense você que se pode entrar por elas. Elas são impenetráveis. Na casa só entra quem nela acredita, quem nela medita e quem dela duvida. E a dúvida tem de ser sincera.

Não há por que dividir esta casa com outrem.

Não há terra ao fim deste mar. Nem planeta, nem constelação, nem ar.

Na casa vazia me remexo em movimentos burlescos e danço a melodia pródiga. Não se espera nada da canção de tão gasta, nem mesmo o acorde final.

Márcio Martelli

Há paz neste lugar.

E há também o medo da solidão.

Consigno ficar nela por alguns momentos... Não me recordo ter ficado ali mais de um dia. Talvez nem uma hora.

Para sair da casa basta prestar atenção, ouvir as vozes cochichando, o martelo da construção, a televisão, o rádio e puff!!! Num piscar de olhos se está de volta.

Perde-se o vazio, ganha-se a vida.

E num lampejo inesperado tudo volta a fluir vagamente...

No meu peito um vazio

Quando o poeta sentiu aquela insuportável dor em seu peito ele sabia que havia chegado a hora. E nesse instante ele a viu parada, na soleira da porta, talvez estivesse rindo dele, só que ele não sabia, tamanha a agonia que sentia devido a solidão que sempre lhe causava a sua presença espiritual.

Sim, pois ela não morava mais neste planeta. Dizem alguns ao poeta que ela habita outros mundos, ares, planetas, galáxias. Mas o que sente o poeta é que ela ainda não deixou sua casa, sua família, nem seus amores.

Outro dia mesmo o poeta me disse que tinha sonhado outra vez com ela. E era um sonho que não era bem um sonho. Sabe quando tudo parece tão verdadeiro e real que a gente não consegue distinguir o que é realidade do que é sonho? Era assim que o poeta sonhava com ela. E nesse sonho todos os que conheciam participavam: vivos ou mortos.

E ele transitava muito bem nesta paragem, como se fosse a coisa mais normal do mundo falar com quem tinha se ido há muito tempo. Mas este sonho foi diferente. Parecia que ela tinha voltado apenas para dizer a ele que nada poderia ser mudado. A coisa estava feita. Claro que o poeta tinha imaginado uma forma para que ela pudesse voltar, tinha visto como tudo seria, como a vida estaria mais feliz, como todos teriam parado de chorar... Mas ela voltou e, num sonho, disse ao poeta: os mortos não voltam jamais!

Márcio Martelli

O poeta chorou tanto nesse sonho, mas tanto, tanto que nem conseguia mensurar em palavras o que sentiu. Como se a tristeza da morte tivesse voltado e ele sentisse tudo novamente: o telefonema, a viagem de carro, a conversa com os amigos, a chegada, a unidade móvel, a casa, ela sentada na sala, a escada e o corpo. Uma lança que era novamente cravada em seu peito e que ficava dilacerando o seu corpo apenas para fazê-lo reviver e sofrer.

O poeta sabia que era chegada a hora de parar de sofrer.

E como ele sabia disso?

Foi ele mesmo quem se convenceu disso.

No tal sonho, ela tinha voltado a viver, tal como ele havia planejado. E tudo estava maravilhosamente belo. Mas nem todos ainda sabiam de sua volta. Apenas ele e a mãe dela. Juntos eles foram ao seu encontro. Primeiro ela, a mãe – que ficou horas na sala com a filha, perguntado o porquê e pedindo respostas que ela também não sabia dar. Depois foi a vez dele. Na vez dele, ele desabou a chorar novamente e ela queria saber se ele não estava feliz com sua volta. Ele disse que nunca esteve tão feliz mas que o preço a pagar por tal felicidade era alto demais para ela própria. Ela não entendia e ele teve de dizer de forma clara o que acarretava o acontecido.

O poeta disse que as coisas haviam mudado, que o mundo tinha mudado, que o que ela iria encontrar era um mundo onde não havia mais lugar para ela. Suas roupas tinham sido doadas, suas meninas talvez nem se lembrassem dela, ou talvez tivessem outra mãe – ele não sabia –, e que a volta dela, embora o deixasse extremamente feliz, era algo com o qual ele não saberia lidar. Era quase como que recomeçar uma história em um novo local, com novas pessoas, que sequer tivessem ouvido falar de sua terra natal. E ele sofria.

O poeta sofria pois começara a entender que o mundo perfeito que ele tanto sonhara não poderia jamais existir por aqui.

E ela observava pacificamente. Ela apenas sorria. Como uma santa, um anjo ou sei lá o que. Ele sofria duplamente: de felicidade, pois ela voltara; e de tristeza, pois sabia que iria perdê-la novamente.

Olhou para o rosto da mãe e viu que ela também entendia o que se passava. Custou a entender que a melhor resposta era a espera. E da sua boca não conseguia proferir as palavras que tanto precisava falar.

Ela dizia: “aquiete-se, eu entendo o seu coração”.

Ele pensava que se ela entendesse nada disso teria acontecido.

– Eu entendo! Acredite, eu entendo.

Da sua face nem uma lágrima, apenas um sorriso infinito que acalmava a todos nós. Ela não disse nada que o poeta não soubesse. Ela apenas veio e saciou o desejo da mãe e dele. Ela voltou, em sonho, mas voltou. E ambos entenderam que era somente nos sonhos que ela poderia voltar. Por mais que doesse aos dois, era somente em sonhos que a presença dela era permitida. E eles custaram para entender isso. Precisaram sofrer tudo de novo. Precisaram perdê-la novamente para que ela voltasse para o mundo etéreo.

Mas para o poeta valeu a pena. Ele a abraçou mais uma vez, afagou os seus cabelos, contou-lhe as coisas engasgadas na sua garganta, chorou em seus braços, jurou que se reencontrariam, prometeu mundos e fundos e, de novo, se despediu.

Quando o poeta acordou, ela estava parada na soleira da porta, ainda, sorrindo para ele. Ela dizia:

– Viva e seja feliz. Faça o que tem de ser feito. Não se preocupe: tudo está do jeito que tinha de estar, você está onde devia estar. Viva e seja feliz.

E quando o poeta acordou de verdade, as lágrimas em seu rosto eram verdadeiras. A dor no seu peito tinha sumido e a canção de Cartola ressonava em sua memória:

Márcio Martelli

“Nada consigo fazer quando a saudade aperta / falta-me a inspiração, sinto a alma deserta / Um vazio se faz em meu peito e de fato eu sinto em meu peito um vazio...”

E o poeta se levanta da cama, abre a janela, sente o sol da manhã fria bater no rosto e agradece a oportunidade. Ele sabe que a mensagem foi para ele. Ele entende que o amor será sempre infinito e que tudo passará calmamente.

O poeta pode agora prosseguir andando com seus versos e rimas inesperadas pois o que o espera agora são infinitas possibilidades de navegar em busca de um novo cais.

Resolução nº 42

Era de praxe tomar resoluções todo final de ano: alguns prometem não beber mais, outros, serem fiéis; elas prometem não comer chocolate se conseguirem chegar ao altar e tantas outras coisitas mais.

Já ele, não era no final de ano em que se comprometia com ideais: era em seu aniversário que, defronte ao espelho, fazia suas mentirosas juras.

Neste ano não sabia bem o que prometer – refrigerante já havia diminuído em torno de 90%, emagrecer, bem isso era um problema, afinal seria necessário fazer exercícios, malhar, e ele era um preguiçoso nato. Bem, não custava tentar de novo.

Pensou em perdoar as pequenas desavenças que ainda incomodavam, mas não se achava ainda pronto para tal fato. Ficou meditando qual seria a grande decisão do momento e chegou à conclusão de que não tinha apenas uma resolução a tomar. Ele tinha várias. E iria resolvê-las adotando-as no momento e hora certa.

Contemplou novamente seu rosto no espelho e concluiu que tinha de barbear-se. Pensou na vida. Sentiu saudades dos que se foram. Até chorou um pouquinho. Epa! Estava aí a primeira resolução: não chorar mais! E foi, então, engolindo a lágrima lentamente; pedindo desculpas aos seus... E foi, justamente, nessa hora que se arrepiou todinho...

Sorriu baixinho. Agradeceu. Estava tudo certo. Seria mais um feliz aniversário que passaria junto aos amigos. E a resolução a seguir foi: ser feliz a todo instante! E, assim, pôde dormir calmamente à espera de um amanhecer repleto de boas notícias.

Um pedacinho de mim

Eu escrevo os textos da forma como eles chegam até mim. L-I-V-R-E-M-E-N-T-E! Não fico pensando no que se encaixaria melhor nessa ou naquela frase. Porém, não critico quem assim o faz. A escrita tem de ser libertária e não escravizar o escritor. Tem de ter prazer. E para escrever é preciso revelar-se, tirando algumas máscaras e colocando outras. É assim que escrevo.

Se me pedem um texto com um tema específico, deixo que ele me leve a alguma situação vivida, ora por mim, ou por outrem, que me inspire, criando assim o texto proposto.

Quando escrevo falo com fantasmas, amigos invisíveis que inspiram-me ou senão ditam os textos que produzo. E sou duro com eles e eles para comigo. E mesmo assim, o ato de escrever torna-se uma grande diversão.

A parte chata é passar do caderno para o computador. Dá uma preguiça danada... Mas é preciso! E é nesse momento que releio e o conserto fazendo pequenos ajustes, arrematando linhas e parágrafos.

O *grand finale* é o título. Ele revela o que pensei ao acabar de escrever. Ele sintetiza. E nem sempre ele existe. Às vezes, não o há.

prosa e poesia

E escrever assim é um hábito, quase sempre, noturno. Quando estou só comigo mesmo, com ou não a companhia da música, escrevo e durmo lentamente... como se pudesse entrar na história e fazer um final incrível, com toques de refinamento e elegância. Passo a morar no universo do texto e de lá só saio quando desperto; quando é hora de começar um novo escrito. E tudo se reinicia, todo o processo.

Eu escrevo porque quero e gosto.

Eu escrevo porque não saberia viver sem escrever.

O presente

(para Jorge Lemos)

No entanto ele havia ficado feliz em demasia; aquele telefonema o surpreendera, aliás, ele nem esperava. E agora? Ele pensou. O que faço daqui pra diante? A mesma resposta: o silêncio. Ele, então, guardou a sete chaves o presente que recebera. Dividiu-o com alguns amigos mais chegados. E foi somente aí que compreendeu a força das coisas. Elas acontecem quando têm de acontecer: na hora exata e no local certo. E era bem ali que ele se encontrava.

O show

A intenção era a de acalmar os ânimos. Afinal, elas estavam naquela idade em que não ficavam um segundo paradas. Corriam para todo lado, tiravam tudo do lugar e faziam tudo ao mesmo tempo, querendo sempre mais. Foi aí que ele teve a ideia: montar o teclado na sala e entretê-las.

Pegou a caixa, lá no alto, abriu, montou o teclado. Puxou as cadeiras. Ligou o microfone e o arraial recomeçou. O pouco silêncio que tinha conseguido foi devido à curiosidade. Ele mal montara o instrumento e as duas já tinham puxado seus banquinhos e sentado à frente do teclado. Pareciam até que já sabiam tocar: e sabiam!

Bastou fazer o movimento uma só vez e elas memorizaram tudo rapidinho. Ele praticamente foi expulso do local e as duas irmãs freneticamente tocaram em alarido. Claro que brigaram também, quem não brigaria pelo melhor lado? Mas tudo resolvido instantaneamente.

Era assim: uma tocava, a outra cantava ao microfone. Ele nem podia se mexer no sofá. Tinha de assistir à apresentação e prestar atenção. Virou a plateia. E elas, deram um verdadeiro show!

O susto

Soaram as doze badaladas. Ele podia ouvir claramente do seu leito. O sino da igreja parecia estar dentro do seu quarto. Blein...! Blein...! Ele tremia. Um pouco era de frio. Um pouco era de medo. Lembrava-se das histórias que contaram seus colegas: da loura no banheiro, da cabra cabriola... Cobriu-se todo, dos pés à cabeça. E não ousava sair debaixo do edredon. Silêncio. Aquele silêncio quando o próprio respirar torna-se ensurdecedor. Seu coração parecia disparar. De repente, sua porta se abre rangendo baixinho. Ele começa a suar em bicas. Nada. Não tinha vento, não tinha sequer uma brisa que justificasse a porta abrir assim. E nestes segundos que mais pareciam horas ele sente algo a sentar-se na sua cama. Começa a rezar. Ai, meu Deus. Reza e cria coragem. Resolve enfrentar o que quer que fosse. E seria de sopetão, com uma careta bem feia. É um, é dois e é já! Tirou a cobertura. Deu um grito que assustou a casa toda. Defronte à sua cara a face de um gato. Era o gato da vizinha que tinha entrado pela janela da lavanderia. Decerto, procurava a gata malhada da sua mãe. Encontrou foi o irmão mais medroso da casa, que, aos berros, assustou o gato intruso que, miando como um louco, surtou numa correria deslavada. Derrubou panela na cozinha, quebrou copos e fugiu pelo mesmo local por onde entrou. Passada a cena, seus pais, esbaforidos, correram achando que era um ladrão. Sua irmã veio com um taco de beisebol em uma mão e a gata na outra. Passado e contado o ocorrido todos tomaram um chá na cozinha. Estavam voltando a deitar quando o pai falou:

– Apaga a luz da cozinha, meu filho!

Ele foi e, justamente nessa hora, o gato do vizinho, com os olhos esbugalhados, estava perto da janela numa nova tentativa de adentrar na casa...

– Maaaaannnnhhhhêêêêêê...!!!!!!

No fundo esperava por mim...

No fundo, no fundo esperava por mim. Seu olhar denunciava a saudade implícita. Não adianta se omitir. Seu corpo fala por você. Beija-me. Beija. Beijos. Percorre meu corpo molhando tudo. Tira minha roupa pondo-me louco. Deixa-me nu. Deixa-me ver você. Sentir você. Você sabia que eu vinha. Senão, para que essas taças? Essa música que sabe que é minha? Esse cheiro no ar... Sabe que sou seu e por isso inventa algo novo, diferente. Porque sabe que eu faço. Que eu também quero e entendo. Despeja em mim todo o conteúdo e sorve-me. Minha boca na sua, meu corpo no seu. Não me entenda que eu também não quero entender você. Não cobro explicações. Não digo onde estive, nem em quais moradas passei. Estou aqui. Agora. E nesse instante, ilumino. Eu sou luz eterna. Até que finde o momento. Até que a ausência se torne saudade. Então eu volto e repito tudo. Antes mesmo que me diga em versos o que sente por mim. Sei bem o que sinto e é só meu esse sentimento. Se ele é bom que seja suficientemente bom para que se espelhe. E se não for, me deixa consumir sozinho essa dor suportável. Sim, pois não há dor que não se agunte. A dor todo mundo sente. E parece a morte, mas não é. É a dor de sentir dor. A dor de não compreender que nada tem fim. Nada acaba. Está tudo em movimento constante. Inclusive, eu e você. E você achava que me conhecia... Que poderia antecipar-se aos meus atos... Risos. E numa loucura arrebatadora dou-lhe um tapa na cara. Você segura e enfrenta. Dou-lhe outro.

Márcio Martelli

Você se rebaixa. Entende agora o que eu sou? Por que guardo em mim as notas musicais da canção que nunca cessa? Eu canto essa melodia ao mesmo tempo em que beijo suas lágrimas. Salgadas. E beijo sua boca e amarro seus braços junto aos meus. Loucura. Insanidade mental, vontade de ser um só. Nós que éramos dois. Agora somos mil. Um milhão. Porque nos compreendemos e aceitamos. Assim eu sou. Assim é você. E quando me for, não aguarde. Abra as janelas que assim não erro o caminho. Se perder as chaves, entro por elas. Deixe só a minha metade da cama. Meu lado sempre vazio. Ele é sagrado. A cama arrumada... Desarrume! Bagunce-a. Quero chegar e entrar por sob os lençóis. Atordoar você com um grito de prazer. Voltei! E amar, amar até a noite acender e virar dia. Depois, só o tempo dirá. E o que virá, sinceramente, não sei. Sei que sou mutante e sequer conheço o rumo ao qual serei levado no próximo amanhecer. Mas me espere. Prometo voltar...

Carta ao poeta

Meus desejos mais secretos resumem-se em apenas uma palavra: felicidade!

Tudo o que eu desejo, para mim e os meus, é a felicidade plena. E isso engloba tudo o que dela se acerca, como: saúde, fé, amizade, amor e dinheiro para realizar tudo isso. Não tem como, é necessário a parte material, pois só assim conseguiremos viver neste mundo de provas, e lidar com o dinheiro é uma tarefa árdua. Duvido que alguém consiga lidar com ele de forma totalmente altruísta.

Eu, por mais que tente, ainda não consigo. Consigo sim, me desprender das coisas que conquisto. Assim: eu luto, luto para conseguir e quando consigo, dou-as de presente. Claro que sempre recomendo cuidado, pois foi-me difícil adquiri-las.

Nem sempre sou ouvido, mas a felicidade que brota no semblante da pessoa que recebeu o presente satisfaz-me plenamente; como se o pagamento para todo o meu esforço fosse receber este sorriso de volta.

Isso é felicidade. É como um anjo abraçando-nos de repente, não mais que de repente, plagiando meu amigo e poeta. Somos todos iguais, por isso quebro a distância. E se nunca viermos a nos encontrar, fica aqui o recado:

– Li suas poesias e encantei-me. Tomei a liberdade de “roubar-lhe” uns versos. Versos estes que todos reconhecem como sendo seus. Por isso a ousadia. Meu caro poeta, penso aqui se alcançou a felicidade. Se os anjos do céu regozijam com sua musicalidade e se ainda escreve divinamente.

Eu escrevo à procura de paz. Paz essa que me reconforta a alma. E ao fazer isso, traz-me toda a felicidade que preciso

Márcio Martelli

para continuar. Tenho um longo caminho, poeta. Muito pó pela frente.

Quando olho pela janela, quando ouço a música que me chega aos ouvidos, encanto-me. Olho as estrelas, observo a lua e relembro outras terras, outros Portugais. Quanto tempo, poeta, quanto tempo!

Queria mesmo era conseguir abençoar todas as crianças para que o mundo delas criasse as asas necessárias para elas viverem em paz e harmonia. As crianças não têm culpa, poeta. Elas mal sabem se defender.

Li no jornal, outro dia, que uma mãe abandonou o filho recém-nascido no sereno da noite. O rebento quase morreu de frio. Estava roxo quando o acharam. Mas, ele sobreviveu. Como que bradando ao mundo que a sua vinda aqui é necessária e que será preciso muito para que o impeçam de continuar. Ele, por enquanto, venceu. Por quanto tempo, poeta?

Olho para as minhas queridas e rogo por um mundo melhor, mesmo quando assisto na televisão as profecias de tantos profetas e visionários feitas há centenas de anos. Eles predizem fim dos tempos, fim de tudo. E como pode tudo ter fim, assim de uma hora para outra? Eu não acredito nisso. Se acreditasse não estaria aqui, agora, escrevendo para você.

Aliás, vai me responder? Eu vou ficar aguardando. Um e-mail, uma poesia em um livro que ainda desconheço. Nem precisa dedicar, eu saberei que é para mim. Basta me orientar para que a encontre. Isso me basta.

Por aqui vou ficando. Acho que escrevi até demais. Mas é a tal felicidade que me consome e eu quero muito, mas muito mesmo, ser feliz. Ser feliz dói, mas é uma dor incrivelmente deliciosa. É muito bom!

Saudades,

MM

Mundos

Eu tenho cá para mim que cada lágrima libertada eleva minha alma a um mundo que somente permito visitar em sonhos e, que toda vez que escuto um chamado, tenho a certeza de estar ouvindo a voz de Deus.

Ele me chama quando me perco em pensamentos inoportunos e restaura-me a razão, fazendo-me voltar à vastidão de ideias que tenho habitado durante muitos séculos.

Tenho a certeza de que ainda vou viver muito e terei de aprender que cada passo é um reflexo do passado que vivi e se espelhará no futuro que ainda estou moldando. Cada pessoa que me procura, cada casa que visito, cada ser que me conta sua história, cada lágrima que choro, cada sorriso que, por ora aparece em meu rosto, são apenas sinais de que tudo acontece simultaneamente nas nossas vidas.

Não sei o que sou, nem o que fiz. Mas sei o que posso fazer e hei de conseguir. É difícil, eu sei que é, mas o que é fácil? Viver é fácil? Aprender a andar de bicicleta foi moleza? Foram conquistas e como toda conquista leva um tempo.

Ah! O tempo...

Esse sim demora muito a passar, fere e machuca demais e também dá alegria demais. Eu respeito o tempo porque ele me dá forças para continuar. E cada passo meu é monitorado, cada sono é abençoado e, mesmo os erros, se não perdoados, acabam sendo relevados. Pois o que está em jogo é muito maior e, é por isso que preciso me preparar muito mais. As portas foram abertas e de dentro delas tudo pode sair. Coisas boas ou não. O que quero colher??

Márcio Martelli

Eu quero o sol e nele me esquentar. Quem não quer?

Mas, o que fiz para merecê-lo?

Tenho muito ainda para ver e viver.

Tem ainda muita areia e muito chão.

Pretendo viver cada passo e marcar a história como quem caminha rezando com um terço na mão. Sou a minha própria história e carrego comigo quem precisa. Vou vencer e quando chegar a minha hora, terei a certeza de que fiz tudo o que podia. E o que deixei de fazer compensarei da melhor forma que me for permitido. Espero estar com a razão. Amém.

O padroeiro

No exato momento em que ele pisou na entrada da igreja, os sinos badalaram. E era um soar fascinante e ensurdecedor. Dentro de sua mente um ribombar de lembranças o faz viajar, repentinamente, a um passado muito distante.

De repente, as ruas não mais eram ruas e os carros de São Paulo desapareceram como que por mágica. A Igreja de São José saudava seu padroeiro e os fiéis renovavam a sua fé.

A aldeia estava em festa, com barracas de doces, prendas e ciganos lendo a sorte. O sino ia construindo sua melodia e o povo, embalado num misto de transe e compaixão, dividia esta catarse abençoada. Era o Dia de São José!

Ele, extasiado, percorria toda a praça à procura de um amuleto. Sabia que o patrono dos trabalhadores não deixaria que serviço lhe faltasse. De barraca em barraca, ele olhava até que encontrou o seu patuá: era um terço do santo, adquirido no seu dia e que, por toda a vida, a sorte lhe traria.

Com o terço na mão, ele procurou o padre. De nada valeria tal amuleto sem a bênção do pároco; foi quando ele viu a fila que dobrava a praça. Adentrou nela e esperou a sua vez e, a cada passo, rezava a São José pedindo socorro e proteção.

Quando estava quase chegando a sua vez, a procissão chega à igreja. Nessa hora, os fogos embelezaram o céu com suas cores e estrondos. Os sinos voltaram a tocar, a música acompanhava o cortejo e a estátua do santo, içada pelos fiéis, ia adentrando à nave.

Márcio Martelli

Ele percebeu que chorava. Sentia-se mais do que abençoado, sabia que São José tinha falado com ele, do seu jeito e modo. E ele compreendeu tudo.

O pároco o abençoa, em nome da Santíssima Trindade e ele agradece dizendo: Amém!

Seus pés, agora, parecem flutuar, sente-se fora do mundo e a fumaça vai embrumando sua visão, como se desfalecesse e acordasse em um outro local.

E, ao abrir seus olhos, está frente a frente com o santo, em meio a uma multidão de pessoas. Agradece novamente e sai em passos lentos.

Lá fora, o choque com o barulho da metrópole o faz entender que esteve realmente fora dali por uns poucos minutos. E percebeu que não fora sozinho. Os olhos azuis também choravam. A senhora e sua filha, que carregava uma vela, clamavam uma graça com as lágrimas estampadas nas faces.

Os sinos foram se abrandando e a certeza de que a vida iria continuar o seu ritmo era óbvia.

– Você também chorou?

Ele fez que sim com o movimento da cabeça. E com essa resposta afirmativa, teve a certeza de que São José o havia tocado naquela noite e sua vida prosseguiria diferente. Saiu da igreja feliz e sem entender o que tinha acontecido, mas isso não importava. O que valia a pena mesmo foi ter acreditado e insistido na fé.

Era dia de São José, podia ter sido de qualquer outro santo, mas não. Somente São José poderia ter lhe contado aquele segredo. E esse segredo ele irá guardar dentro de si em silêncio. Por toda a sua vida. Amém!

O Grande Circular

A minha infância, em Jundiaí, foi marcada por um ônibus: o Grande Circular. Ele tinha um percurso incrível e trafegava por quase toda a área urbana da cidade da época.

Podia-se pegar este ônibus em um de seus pontos, andar todo o seu percurso e descer no mesmo ponto onde se subiu; isso sem sequer ter saído do ônibus. Era fantástico! Quantas e tantas vezes fiz isso!

O meu maior desejo era que a casa onde morávamos fizesse parte do itinerário deste ônibus, mas não, sempre moramos em outra linha até que...

Na década de oitenta fomos morar na rua XV de Novembro. E adivinha qual linha de ônibus tinha parada praticamente em frente ao nosso condomínio? Ele mesmo, o Grande Circular.

Orgulhoso, eu subia nele e passeava por toda a Jundiaí de outrora que eu conhecia. Seu percurso era o seguinte: pegava na rua XV, no Centro; daí, ele virava à esquerda para subir a Dr. Torres Neves para logo depois entrar à direita, na Marechal. Então, ele prosseguia até a Rua dos Bandeirantes e continuava até o Sesão. Subia em direção ao cemitério, contornava e saía logo atrás da Igreja do Mosteiro de São Bento, descendo, passando em frente à sede social do Clube Jundiaense, Rodoviária do Anhangabaú, Jornal de Jundiaí, Faculdade Padre Anchieta... descia pelo Vianelo, entrava na Vila Progresso, e de lá voltava pela Rua da Várzea, Av. São Paulo, Av. Olavo Gui-

Márcio Martelli

marões, na Vila Arens, onde parava na estação ferroviária – que também era de ônibus – e fazia uma parada de uns dez a quinze minutos. Detalhe: quem estivesse dentro do ônibus podia ficar esperando até ele sair de novo.

Logo após, ele reiniciava o trajeto, entrando pela rua XV, deixando-me em frente ao meu apartamento e repetia tudo de novo. Ou seja, ele atravessava toda a cidade, ou pelo menos, a cidade que eu conhecia naquela época. Era o meu passeio predileto.

Hoje, nem sei se ele ainda existe. Há muito desisti dos ônibus. Guio o meu carro por estas ruas que em nada recordam os meus dias de adolescente.

No Grande Circular, eu ia lendo meus livros e gibis e, se pudesse, ficava o dia todo andando de ônibus. Foi uma das alegrias de meus tempos de menino. E as lembranças, são as memórias que guardo a sete chaves dentro de mim.

E, agora mesmo, me vi espiando pela janelinha deste ônibus rodando por toda Jundiaí: Bar Zé do Papagaio, estação de trem, Clube Banda, Clube Ipiranga, Casa de Móveis Presidente, Escola Marcos Gasparian, casa da Tia Dica, casa do Tio Zico, casa de minha avó... tudo, tudo perdido e esquecido pelos caminhos trilhados pelo Grande Circular. Ah! Que saudade!

Menino, outra vez

Uma homenagem à cidade de Rio Claro

Rio Claro, para mim, sempre teve sabor de família Caes. Engraçado essa família ser a fonte de inspiração para que eu declare meu amor, em prosa, a essa cidade que há muito tempo norteia minha vida.

Se bem me lembro, quando pequenos, não gostávamos muito de ir para lá. Achávamos tudo muito parado, parecia que as horas corriam mais lentas nesta cidade e a vida demorava a passar.

No fundo, curtíamos demais ir para lá, visitar os parentes e brincar nas suas ruas planamente calmas e tranquilas.

A ida para Rio Claro demorava séculos. O fusquinha de Elyzeu ia cambaleando pela estrada a caminho da cidade azul e, tinha horas em que parecia que nunca iria chegar.

Nossas estadias tiveram várias fases. Já passamos Natal e final de ano por lá, Carnaval e muitas férias. Às vezes, íamos de trem. Mas foram as viagens de carro que mais me marcaram.

Assim que deixávamos a rodovia Anhangüera, entrávamos em outra: a Washington Luís que, logo após uma descida, tinha, do seu lado direito, um posto de gasolina. Era a parada obrigatória de nossa família. Era lá que descíamos, íamos ao banheiro e tomávamos um refri. Ganhava sempre um gibi de meu pai e prosseguíamos a viagem.

Minha saudosa irmã lembrou-se, uns trinta anos depois, de uma frase que ela, quando menina, leu escrita em um ban-

co deste posto. Dizia assim: “melhor ter um cachorro amigo do que um amigo cachorro”.

Rimos tanto dela ter se lembrado que, até recentemente, na minha ida à cidade, fiz questão de parar no posto para ver se o banco ainda estava lá. Foi-se embora, bem como ela, que também se foi. Mas a lembrança dela comentando o fato ainda mora aqui e posso vê-la criança no banco de trás do fusquinha soltando o seu riso peralta de menina irriquieta.

Outra coisa de que sempre me lembro são dos treminhões. Lembra tremoço, não é? Mas não, são caminhões grandes com dupla carroceria, especiais para carregar e escoar a produção de cana-de-açúcar da região.

Em Rio Claro, entrava-se por uma avenida totalmente arborizada. Era aí que eu sentia a energia da cidade impregnando-se em mim. Mas, antes disso, passávamos por Santa Bárbara onde, dizem, meu pai morou antes de vir para Jundiaí. Lembro-me de um dia ter dito para a minha mãe que qualquer dia descobriríamos alguma namorada dele e, quem sabe, um filhinho por aí... Era uma piada de uma criança sem maldade e todos nós ríamos muito. Quanta inocência...

Mal entrávamos na cidade e já queríamos ver a família Caes. Devíamos ser verdadeiros pentelhos, pois todos na família eram mais velhos do que nós e tinham, com certeza, outros interesses. Mas não importava; era deles que gostávamos e que queríamos visitar.

Alê adorava as irmãs Mônica e Márcia e se identificava com elas, sempre pedindo para dormir na casa delas. Binho adorava o André e o fato dele jogar bola, o maravilhava. Eu gostava de todos, achava-os divertidos. Gostava muito do Tonho, ele era legal, com uma certa ginga de malandro e esperto. Já o Pedro era um cara que sempre achei intelectual. Lembro-me do quanto vibrei ao descobrir que ele tinha o LP do Chico Buarque, *Ópera do Malandro*, e identifiquei-me de imediato, tornando-o uma referência para toda a vida.

Agora de quem eu gostava mesmo e muito, era do meu Tio Caes. Dizem que ele era bravo, machão, autoritário, mas eu nunca vi nada disso, apenas um tiozão – ele era grandão aos meus olhos de menino – que sempre me dava gibis da Turma da Mônica e, acho que, com isso, me conquistou.

Tudo, para nós, girava em torno dessa família: os passeios, a visita ao Altarugio, os passeios de bicicleta, as inúmeras idas ao Grêmio e tantas coisas mais. Hoje, olhando para trás, vejo com saudades os banquetes organizados pela Tia Dim, a família toda reunida, os pés de morango do André e toda a felicidade das coisas simples que a vida nos oferece das quais sequer prestamos atenção quando as temos. Bons tempos... Bons tempos.

O objetivo da ida a Rio Claro era visitar o Vô Juca, pai do meu pai Elyzeu. Ele morava com as irmãs Tana e Ana, suas filhas.

Tia Ana sempre foi e sempre será, para mim, sinônimo de bondade e paciência. Sempre foi nossa tia mais querida; talvez isso se desse pelo fato de não ter filhos e o seu amor de tia, com isso, tornava-se maior e mais intenso do que já era. Já a Tia Tana, cujo nome era J... não, não vou revelar o seu nome. Respeitarei o fato dela não gostar dele e a chamarei pelo apelido carinhoso. Ela era telefonista e ter essa profissão, na época, era algo garboso. Era também uma tia querida, porém tinha pouca paciência para conosco; se bem, que me lembre, ela foi a única tia a nos levar para brincar em um parquinho de rua, na cidade de Jundiá, atrás do Mosteiro São Bento, que existe até hoje. Tenho saudades dela.

O Vô Juca era calmo. Diziam que ele era bravo. Não sei se acredito nisso. Eu o via franzino, amoroso e feliz. A única coisa que me lembro dele era que assistia a novela “O machão”, da Rede Tupi. Comentário que fez meu pai rir muito na ocasião.

Será que eles se encontraram no céu? Fico me perguntando se, ao se reencontrarem ficaram lembrando a vida aqui na Terra e tudo o que se passou. Aos poucos, a família do lado

Márcio Martelli

de lá está aumentando: meu avô Juca, meu pai, minha irmã, meu Tio Caes, Tia Tana e tantos outros... Isso, só do lado paterno... Ah, meu Deus, quanto tempo ainda vai demorar para que eu os encontre novamente... Queria vê-los, abraçá-los e mais nada. Mas a vida continua, não é mesmo?

Um fato marcante de Rio Claro: as jabuticabas da Tia Alice. Em seu quintal de terra havia um verdadeiro pomar, mas eram as jabuticabas que nos fascinavam. E era justamente neste pé que não se podia subir, pois, para quem não sabe, as jabuticabas nascem no tronco da árvore. E a jabuticabeira da Tia Alice ficava toda pretinha, carregada de suculentas, gordinhas e deliciosas jabuticabas. Ploft, pluft, nhoque!

Tia Alice também tinha os seus filhos, mas eram tão mais velhos do que nós que tínhamos pouco contato. O único com quem brincávamos era o Renato, que hoje virou Padre Renato e já morou até em Santa Catarina. Bem mais tarde nasceu uma temporã, Talita. O tio Zé, patriarca da casa, também já morreu e juntou-se aos outros, mas as jabuticabas continuam lá... à minha espera. Quem sabe?

Sabe o que tornava ainda mais deliciosa a infância de Rio Claro? A mesa posta no quintal, sob as árvores, onde eram servidos almoços e todos ficavam contentes. Não havia nada do que existe hoje. Era tudo muito mais simples. E era fantástico, inesquecível e, por essa razão, não retorna mais.

Tia Nil também fazia esses almoços caprichados. Era lá que tínhamos as irmãs Ana Maria e Juliana, nossas primas, com quem brincávamos regularmente. Nessa família também surge uma filha temporã: Ilara, com quem tivemos contato menor. O tio Ari, pai delas, também se foi e nós nunca mais voltamos para a casa dela e nem mais curtimos o seu almoço de domingo. Saudades...

Quem faltou? Tia Dora e Tio Zé Maria, mas estes foram tão cedo para o outro lado que poucas lembranças ficaram. Do que

me recordo é que meu tio deu-me, na sexta série, o livro de português, edição do professor, que eu estava usando na escola. Uau! Foi o máximo! Eu tinha todos os exercícios prontos e era um segredo só meu e dele. Obrigado, meu tio.

Lembro dos jogos de baralho constantes na casa deles e da sensação de liberdade que ali reinava. Onde foram parar os meus primos Carmem, Clóvis, Carlos, Celso e C... de quem nem mais lembro o nome? Não sei, nunca mais os vi. Uns quase trinta anos nos separam e acho que não nos reconheceríamos se nos encontrássemos. Uma pena...

De Americana, vem a prima Marinês, a única com quem tenho contato desta outra parte da família rioclareense, que raramente, víamos. Era lá que vivia o único irmão de meu pai. E ele também endossa o time do outro lado.

Quando olho para trás, vejo-me menino, passeando no selim da bicicleta do André pelas ruas da cidade; vejo a praça central totalmente arborizada e sinto vontade de voltar no tempo e rever todo mundo.

A imagem que tenho de Rio Claro hoje é a de minha Tia Ana me abraçando, no velório de minha irmã, e me dizendo:

– Perdemos a nossa princezinha...!

Nunca vou me esquecer. Nunca vou apagar da memória a cidade de Rio Claro e tudo o que vivi nela. Seu cheiro, sua gente. Eu me orgulho muito de ter sido acolhido por esta família, sinto-me privilegiado e, por mais que Rio Claro tenha o aroma da família Caes, a mais perfeita tradução dessa cidade é a palavra amor. Não é à-toa que o time de futebol dessa cidade se chama Velo. E, segundo Carmen, minha prima, que me disse isso há mais de trinta anos, Velo, ao contrário é Love, amor. Eu nunca contradisse, nem vou fazê-lo. Hoje, aos quarenta e dois anos, assino embaixo. Rio Claro, o seu sinônimo é Amor.

Seriada

Ele ligou a TV. Colocou um DVD de um *sitcom* que havia comprado. Assistiu comendo doces e bebendo suco. Riu como uma criança estabanada. Um doido varrido alheio ao mundo. Como se não necessitasse de mais nada. Seu mundo estava ali. Sua vida resumida a isso: um programa de televisão. E é muito bom!

As redes sociais

Todo dia ligo meu laptop. E inevitavelmente tenho de abrir meus e-mails. Como é que tanta gente tem tanto tempo para criar e enviar e-mails? Essa é a pergunta que, constantemente, eu me faço.

Tem sempre alguém me convidando para uma comunidade qualquer. E todo dia tem uma nova. Vou criar uma também: a comunidade dos que odeiam quem manda convite para participar de comunidades. Vai lotar de associados. E vai ser uma risada só.

Claro que é tudo brincadeira. Claro que gosto dos convites. O problema é não ter tempo para responder. Mas, se serve de consolo, eu leio todos. Acredite se quiser.

Foi assim, de repente...

Então ele chegou e abriu a porta. Olhou para dentro da casa e se viu sorrindo em meio aos outros que compartilhavam com ele aquele momento único: era uma festa!

Quando ele se deu conta estava até mesmo meio embriagado – tinha bebido tanto vinho que estava praticamente todo solto (e isso era raro nele) – e ria sem parar com as piadas que, em dias comuns, acharia idiotas e sem graça.

Foi então que entendeu o motivo da festa: a alegria. Nem todo mundo ali tinha algo em comum, nem todos se conheciam, estavam ali por estar, um amigo comum que conhecia o outro amigo em comum que o havia trazido pois, depois dessa festa, iriam para uma outra festa. Loucura...!

E na tela LCD, a música antiga hipnotizava qualquer um que se dispusesse a prestar a atenção. E havia comentários, críticas e muitas risadas.

Como era patético lembrar determinadas coisas... A gente sempre acha que não era daquele jeito, que nunca usou aquelas roupas... Mas, tá lá no vídeo, na televisão; e não há como negar.

Foi quando o vinho foi perdendo o seu efeito. Agora tudo parecia ficar sem graça e as pessoas tinham deixado de serem interessantes. Ele estava desinteressante. Tédio.

prosa e poesia

E nessa hora, então, lembrou-se do momento em que abriu a porta. Como entrou sorrateiramente, sem sequer ser notado, poderia sair do mesmo modo. Mudo e calado.

Foi o que ele fez.

Abriu a mesma porta e escapou para a rua.

Lá fora, olhou para as estrelas e constatou o que já sabia: ele realmente não pertencia a esse lugar. E sumiu pela noite.

Quando o mar tem mais segredo...

Se eu consigo imaginar o mar – foi o que ele me perguntou. O que eu não disse foi que meus pés já pisavam na areia e a brisa batia em meu rosto que se emporcalhava com o sargaço e o cheiro da maresia.

O mar estava de ressaca e eu tomava champagne sentado na sua orla. Olhava o céu e as poucas nuvens não conseguiam encobrir a lua cheia nem as estrelas que acendiam o cruzeiro.

De repente, uma cadente cruzou o firmamento. Eu fiz um pedido: fechei os olhos, cruzei os dedos, rezei baixinho e pedi com fervor. Será que ela me atende? Meu coração desejava intensamente que sim.

Calmaria. As ondas chegavam cada vez mais perto e iam subindo com a maré. Coloquei meu pé na água... frio... estava gelada.

Aos poucos fui me acostumando e entendendo a sinfonia destas águas. O mar cantarolava baixinho como que a me chamar. Eu ouvia a sereia que mora no fundo destas águas.

Meu olhar fixou-se num ponto ao longe e a vontade que tinha era de entrar no mar. Levantei-me. Tirei os sapatos, tirei a roupa toda e caminhei ao seu encontro. Quanto mais entrava, mais forte ficava a voz que me enfeitiçava chamando-me: “vem, vem, vem...” E eu fui. E nunca mais voltei.

Viagem

Com um olhar sério e compenetrado, o escritor chega e se apossa da palavra. Ele sabe que minhas frases serão dele e que minha vida é mera coadjuvante nesse momento. O que ele quer é narrar histórias e para isso recorre à memória a fim de me ditar coisas que desconheço formando assim um texto qualquer.

Conta-me ele que, antigamente tudo era bem mais difícil e que, pôr-se a escrever era um exercício mental muito trabalhoso.

Aos poucos ele vai mostrando imagens que me remetem, talvez, ao antigo Egito, como a construção de uma pirâmide com vários operários trabalhando.

Parece-me que ele fazia parte de um certo escalão de nobreza e não precisava pegar no pesado. Vejo-o andando bem vestido e comendo tâmaras.

Deixa-me a vaga sensação de que tudo é passageiro e que está acontecendo agora; que o amanhã não existe e que hoje é tão somente um estado de espírito.

Ele se deita, abre o seu sorriso e diz: por hoje é só!

E eu fico pensando em como voltar para casa, sintonizar-me com o meu tempo e, quando abro os olhos, vejo meu computador ligado e a luz acesa. Levanto-me. Desligo tudo. Amanhã lerei este texto e só então saberei onde é que fui me meter desta vez. Paz.

Afinidade

A menina, com cinco anos de idade, brinca no computador em mais um novo brinquedo que, juntos, descobrimos por acaso. Ela domina a máquina como se fosse dela uma velha amiga. Eu, apenas fico observando e tentando descobrir de onde vem tal intimidade. Conheço tantos adultos que sequer fazem metade do que ela já faz.

Aos poucos, o seu desenho se forma na tela e ela, admirada de sua obra, esbanja no rosto a felicidade da descoberta. Para Pietra, o computador é mais um brinquedo em que ela, menina esperta, refestela-se com momentos de pura diversão.

Can can

Espiando pela fresta da cortina ela viu o seu homem à mesa aguardando o espetáculo. Ela sorri encabulada. Corre ao espelho, retoca a maquiagem, reencaixa o espartilho e está pronta. Quando a luz acende o *can can* se inicia. Ela dança atrevida e ousa jogar-lhe um beijo no ar. Ele sorri e acena dando dicas de que logo estarão juntos. A dança acaba e ela retorna ao camarim. Afoita. Excitada. Quando batem à sua porta finge surpresa. Abre. É ele. Abraçam-se. A porta é fechada e os amantes sabem que é essa a sua hora. Era o que queriam: ficar juntos. E, sem pestanejar, entregam-se ao amor sem se importar com o mundo lá fora...

Outrora um amor

Quem é você que me espia pela porta do bar? Sua roupa toda azulada, tal qual uma pintura de Lautrec fez-me divagar e pensar: será que a conheço? Seu sorriso convidativo me faz levá-la a passear pelas ruas de Paris. As luzes, o brilho... Nada ofusca a chama que emana de sua alma. É o amor? Eu me pergunto. Mas que amor é esse que nasce instantaneamente num momento totalmente despudorado e sem noção?

Se é amor, chegou tarde para mim.

E seus olhos deixaram de sorrir. “Acorda, acorda, acorda...” Você queria ser minha, muito embora eu nunca pudesse ser seu. Você me quis, mesmo assim, e eu embarquei nesta história da qual já previa o final.

Desses anos nasceram juras, das quais eu sempre dizia para que não acreditasse. E você acreditou plenamente. Eu dizia: calma, calma, tenha calma e paciência. E você queria agora. Andávamos por toda Paris à procura de algo que sequer sabíamos explicar. Era a nossa cidade, o nosso lugar. Eram mágicas as nossas noites.

Sim, a noite eu era somente seu. Pudera apenas existir a noite nessa cidade, mas qual o quê, Paris é imensamente bela de dia também. Só que de dia eu não era seu. Como vivi essa loucura nem ao menos sei explicar. Só sei que o dia cobrou-me a noite. E a noite sonhava com os piqueniques à beira do Sena. E eu não sabia mais o que queria. Eu só queria fugir dali.

prosa e poesia

O quadro que foi sendo pintado não era mais uma obra de arte. Era uma pintura amadora daquelas que se vendem em cada esquina. Era esse o meu amor. Um amor que poderia ser visto facilmente em todo local. E eu não queria ser interpretado assim.

Na verdade, eu queria o amor dos poetas normais típicos de Montparnasse, ou senão, o amor soturno dos vampiros em seu teatro. Queria algo único e não era aquilo o que eu tinha. Era somente insatisfação.

Numa manhã de sábado vi Paris pela última vez. A caminho da Garde du Nord dirigi-me com meus pertences. Eu não era mais ninguém. Entrei no trem... e parti.

Paesia

Mudo

Tenho de calar-me
Ante tal impropério
A lucidez impede-me de agir
De fato, poderia pedir
Explicações ou coisa e tal
Mas o silêncio falou mais alto
E perante a ele me calo.

Amor errante

Se você vier me visitar
De madrugada
Traga-me um bom vinho.
Novidades fluem
Embaladas em um bom *Merlot*.

Agora, se chegar sem nada,
Com as mãos vazias,
Chegue romântico.
Beije-me dos pés a cabeça,
Faça elogios
E deixe-me sem graça.

Se chegar de repente,
No estilo: “pensei em você”,
Estava aqui em frente
E entrei!
Arrebata-me!
Não peça permissão
Aja sem pudor
Que serei sua
Pelo tempo que desejar.

Márcio Martelli

E quando se for,
Fecha a porta com a chave,
Jogue-a por sob o vão
E deixe seu perfume
Inebriando meu ar.

Se não voltar, não tem problema.
Sabe o endereço,
Tem meu telefone...
Estou aqui; não à espera...
Estou aqui; talvez não amanhã...
Estou aqui!
Não seja louco de não retornar!

Minha casa

Sentado sobre um degrau
de uma pequena escada
fico escarafunchando a noite,
vendo estrelas e sentindo o leve frio
que o final de outono traz
para as nossas noites estreladas.
Prédios altos, barulho de talheres,
vozes de transeuntes;
tudo é motivo de poesia
que se materializa na folha de papel.
Um som indecifrável,
talvez o som da noite
que mistura tudo o que dela advém.
Folhas secas raspam sobre o chão de ardósia
e as árvores balançam num *ballet* desengonçado.
As luzes amarelas lembram velas,
grandes castiçais a iluminar
minha pequena passarela,
meu jardim de flores,
minha vista dessa sacada
defronte ao meu prédio.
Minha moradia fria por fora
mas com um imenso calor humano interno
que aquece até quem dela já foi embora.

E o que ficou?

Na lembrança: a barriga da grávida
No pensamento: os sorrisos das alunas
Na razão: as sábias palavras
Na emoção: a beleza do conhecimento

E por mais que eu tente entender
Não dá para mensurar
Pois o que se retém na minha memória
faz parte do meu projeto de vida.
Eu não sou igual a você
e vice versa.
Sou a sílaba tônica que se destaca
e pede a atenção.
Pois de tudo o que eu ouvi
ficou para mim,
a certeza da missão cumprida.

Poesia em homenagem à palestra proferido pelo Dr. José Renato Polli sobre o filósofo e pensador Paulo Freire, na Unianchieta, em setembro de 2009.

Nada

Eu entendo a razão das coisas
do medo
e do ser ou não ser
humano na hora
e no minuto seguinte
ao ato

É que não quero ser
responsável pelo tiro
que supostamente
saiu pela
culatra

Quero a vitória
a vida fácil de outrora
e os beijos roubados
nos bares noturnos

Márcio Martelli

Quero viver a vida
que nem sempre me é permitida
olhar os campos e me aventurar
por aí

Sentir a tristeza do voo
de uma mariposa
tingindo no ar
um risco de sutil beleza

Quero tudo e quero nada
sou um escritor medíocre
a catar palavras num dicionário
ser erudito
e me despir reveladamente
quando o dia clarear

Fim de casa

Você me diz que vai sair
Tem medo!
Você me implora o perdão
Tem medo!
Você me diz que não se importa
Tem medo!

Eu digo que sou somente seu
Mentira!
E não me incomodam as suas faltas
Mentira!
Suas palavras vãs não me afligem
Mentira!

Você sabe que foi sempre assim
Tô cansado!
Você chora pelo passado
Tô cansado!
E na inexistência destas horas
Canso de esperar a sua volta!

Márcio Martelli

E por mais que me revele
Verdade!
E por mais que clame em prece
Verdade!
Mais nos afastamos desta hora
Jamais esquecemos!

E nós, que sempre fomos
Inexistimos
Nós, que um dia sonhamos
Acordamos
Hoje, ao vermo-nos sós
Desejamos estar nos braços de outrem!
Acabou!

Instante

Bateu, de repente, uma tristeza
Daquelas que nem razão tem
E que deixa a gente amolecido
E com muita vontade do pranto

E, se for analisar, não há motivos
Para se estar melancólico assim
Há apenas a felicidade que reina
Trazendo alvissaras da vizinhança

Então confesso, ao meu algoz
Computador, a dor que não cessa
Tirando do peito um alívio sofrido
Que, instantaneamente, acalma-se

As palavras curam as dores invisíveis
E suprem a alma com a dose necessária
Para reacender a chama e religar
A vida, neste precioso instante

Tarefa

Parece que estou sufocando agruras
O trabalho tornou-se a diversão
Planejo e passo, horas a fio, confabulando
Os resultados que irão de advir
Meu dia, assim, é como um fardo
Carrego levemente comigo
E, às vezes, me canso
Poeto com a caneta frases e textos
Aliviando a mente
E limpando o espírito
São assim os meus dias
E assim vivo minha vida
Escrever é a minha labuta
E ao mesmo tempo, um prazer inquestionável

Resignação

Eu que fui tão avesso
E sempre repudiei as palavras
Hoje me calo diante
De sua verdade infinda

Eu que protestei quando
Deveria juntar-me
À procissão rumo ao Sinai
Hoje posto-me aos seus pés

E nada far-me-á calar
E esconder de você a ilusão
De uma história inteira
Encoberta aos seus pés

Márcio Martelli

Sim, eu sempre me omiti
E nesses versos tolos
Entrego-me inteiramente
Atirado aos seus pés

Sou pó, sou a poeira
Espalhada na soleira da porta
E só dependo de você
E do seu perdão nessa hora

E hei de entender qualquer
Resolução a ser tomada
Tranquilo fique que o tempo
Chegará e nessa hora libertar-me-ei
Dos juramentos e injúrias
Que, até hoje, ainda, nos separam!

De muitas Capelas

Muitos são os exilados
Desta Capela tão distante
Muitos querem o desapego
Desse mundo torturante

Muitos são os chamados
E poucos o querem ouvir
Muitos desejam ir embora
Deste insano porvir

Muitos proclamam a paz
E lutam por um ideal
Neste planeta de provas
Almejando a terra natal

Muitos sentem saudades
Daqueles que há muito deixaram
E sonham com a probabilidade
De um dia se reencontrarem

Muitos ainda por aqui ficarão
Tentando eximir os pecados
Expiados às mais loucas tentações
As quais devem deixar de lado

Márcio Martelli

Mas muitos sucumbirão aos céus
E ao voltarem conhecerão as novidades
Do novo mundo que irão habitar
Onde apenas colherão felicidades

E neste mundo todos são iguais
Não há caminho tortuoso
O pai, a mãe, o filho e tal
Liberdade, igualdade e futuro primoroso

Ouso ainda profetizar
Coisa que nem sei se verei
Inimigos se abraçarem
Irmanados no afeto da grande Lei

E só para finalizar o que sinto
Uma nostalgia que me consome
Capela, se um dia eu retornar
Que eu seja digno do seu nome.

Márcio Martelli e espíritos amigos
em 17/05/2010

Inconformada

Mas tem a moça na escada,
Uma princesa imaculada
A descer, com seu caminhar virginal,
Degrau por degrau
O caminho que a separa
Do salão principal.

Ela tem vestido púrpura
E cabelos louros e longos;
Uma coroa de tiara brilhante
Adorna a sua cabeça dourada;
Seu olhar é instigante
E exprime sua insana vontade
De sair dali e correr, correr
Para qualquer outro lugar.

Ela vem descendo devagar,
Sorri aos olhos que a fitam,
Escuta os comentários...
Tudo se torna um grande desafio.
Irá dançar e dançar e dançar
Para o orgulho dos seus pais.

Márcio Martelli

Mas, o seu coração, onde andará?
Longe, longe a vagar
Procurando o seu amado em cada olhar.
E ela não o vê, *poverella*.
Ela é cativa do seu próprio reino e condição.
Ela é a princesa!
E é a esperança de todos.
E para tanto
Tem de fingir ser
Aquilo que sequer desejou.

Insanamente sozinho

É deste medo que sinto que te falo
É deste temor que pressinto na pele,
do coração que bate aos tropeços,
da fala trêmula que entorpece
e esbraveja aos quatro cantos,
vociferando palavras e gritos ao léu.

É deste sentimento notívago
que ousa levantar suspeita,
desta vontade que aflora na pele,
de cortar os pulsos ao ficar sem te ver,
da loucura que é contar as horas
que passo a esperar teus passos,
teu cheiro e tua presença.

Márcio Martelli

É tudo isso que desperta
essa loucura que é parafrasear a vida,
ensopando as letras, tingindo o papel.
O desejo de ebulir em versos
o recôndito que se enquadra
nas linhas, nas mãos, na pálpebra do olho.
Que lê, implora, enxerga e não vê!

E tem mais: não sei onde vai findar.
Sei que tem fim.
Sei que será para mim:
a dor que nasceu,
a cor que surgiu,
a certeza que sumiu,
a paixão que brotou,
que a sede secou
e nada mais
aqui ficou.
É disso que tenho medo!
De ficar só!

Naturalmente viva

Todas as vezes que a vontade
De dizer algo a alguém
Me consome
Eu abro um livro
Eu escrevo em meu caderno
Eu divago em pensamentos

Nem sempre querem me ouvir
Contar as histórias reais
Que afligem a minha alma
Querem somente atentar-se
Ao personagem que criaram
E que, de certa forma, admiram

Não sabem que sangro toda noite
Sozinho olhando para o espaço
Que converso com Deus
Indagando respostas
Que, na maioria das vezes,
Estão em minhas próprias mãos

Márcio Martelli

Não sabem que também quero amar
Que quero ter ciúmes
Que quero o que todo mundo tem
E que de tão simples
Acreditam que eu já tenha tudo isso

Ninguém me pergunta nada
Ninguém dá um ombro
Apenas me cobram palavras
Que consolem e encorajem suas vidas
Mas se esquecem que também necessito
Destes mesmos estímulos
Para poder continuar

Julgam-me forte
Julgam-me senhor de tudo
E eu não sou nada
E nem pretendo vir a ser
Eu somente quero um pouco de paz
Ler meus livros à sombra de uma árvore
Assistir aos filmes que ainda não vi
E viver, simplesmente, sem me importar com nada

E por que não faço isso?
Por quê, simplesmente, não ignoro as perguntas
E sigo meu caminho despreocupado?
Porque nasci assim, ligado com tudo

prosa e poesia

E tenho a missão, que mesmo escolhi,
De recuperar os erros do passado
Ajudando a quem pedir ajuda
Esforçando-me ao máximo a quem merece

E tem momentos em que erro feio
E são nessas horas que choro desenfreado
Pois fui mal interpretado
Ou sequer entendido
E o que fazer?
Ter paciência sempre foi e será a resposta
E ter essa virtude é algo que estou aprendendo
E, é nisso que acredito, que algo maior
Virá no momento em que entender a razão
E se fiz certo ou errado, não importa
O importante é que eu tentei
E meus atos serão minhas testemunhas
Então, pensando assim, consigo
Adormecer e descansar tranquilamente.

*“Embora ninguém possa voltar atrás
e fazer um novo começo, qualquer um
pode começar agora e fazer um novo fim”.*

(Chico Xavier)

Passa tempo

O passar do tempo, das horas, dos anos
O passado que passa e logo vai embora
O futuro que tarda mas não demora
No passar do tempo, da vida, das horas
O pouco provável minuto, momento de diversão
O quanto dura um romance, pergunto
Ante o casal que tudo ignora
Dura o tempo que o relógio permite
No passar dos segundos, dos anos, dos meses
E quanto dura minha vida de escritor
O tempo que leva para perpetuar a obra
Nos passos dos dias, dos anos, das horas
Isso não demora mas não é para agora
É preciso acalmar-se perante
O passar do tempo
O passar do mundo
O passar das horas

E, de repente, o amor

Quem disse que esse sofrer não faz parte do amor?

Se amar fosse assim tão fácil...

o mundo seria o lugar mais chato que existe.

O legal é estar querendo mais e mais.

Talvez para descobrir que o que temos é melhor,

ou pior, sei lá, quem vai saber...

Sou da opinião de que devemos lutar pelo amor.

Mesmo quando ele cai na rotina, tudo no seu lugar,

Acaba ficando mesmo assim, não tem jeito,

as relações têm uma tendência a se acomodarem...

Por isso iremos atrás de um novo amor?

Ou pensaremos bem, analisaremos

e acabamos dando uma escapadinha?

Sei lá, eu sou o maior enigma do amor.

Márcio Martelli

O amor me moldou de um jeito diferente do que eu era.
O amor me disse coisas que não eram o que eu pensava.
O amor me constipou de uma gripe incessante.
O amor me cobrou dívidas que nem desconfiava.
O amor me modificou totalmente.

Sou outro depois do amor.
Sou um outro eu que nem conhecia.
Sou um pinguim de geladeira na estante da casa.
Sou uma planta a enfeitar a sala.

Porque eu nem quis amar desse jeito.
Eu nem sabia que a dor de amar doía tanto.
Se eu soubesse fugiria rapidamente.

Porque eu queria apenas cantar
Sem me importar de ter plateia.

Porque eu achava que amar era ser apenas
Puramente e só, feliz, a todo momento.

Não me contaram que o amor machuca;
Não me contaram que o amor faz chorar;
Não me contaram que o amor traz desconfiança;
Não me contaram que o amor trai.

prosa e poesia

Seu eu soubesse de tudo isso,
talvez eu...
não amasse...
não quisesse...
não sonharia acordado...
não ficaria ao lado do telefone...
não esperaria a noite chegar...
não acordaria de súbito na madrugada...

Mas, se eu soubesse disso tudo antecipadamente...
Ainda assim eu continuaria amando.
Ainda assim eu buscaria o seu beijo.
Ainda assim eu contaria as minhas histórias.
Ainda assim eu me dividiria em dois
e seria meio eu, meio você,
na hora em que você precisasse.

Quando me chamasse,
eu me esqueceria de mim mesmo
e romperia todos os recordes de velocidade.
Venceria todos os tabus e preconceitos.

A razão de minha vida é amar.
O único motivo de estar aqui é o amor.
E por mais que sofra,
voltarei a amar,
continuarei amando,

Márcio Martelli

e amarei pelo tempo que ainda me resta.
Não me conheço sem o amor
e com ele não sei quem sou.
Talvez eu não seja ninguém
sem a máscara do amor
que me esculpe da sua melhor maneira
e me traduz fielmente.
Muito embora, nem muito fiel, às vezes, sou!

É o tempo que passa

O culpado de tudo é o tempo
Que passa
Que leva tudo consigo e deixa as marcas
As rugas do destino
As vias de contramão
E as passagens com mão única

O culpado de tudo sou eu
Que não resisti a esse tempo
Que acreditei ser imortal
Quando na realidade
Meu frágil corpo revela
Que sou apenas farelo de pão
Jogado na toalha da mesa
E esquecido por todos

O culpado de tudo é o tempo
Que não me contou que tudo era efêmero
Que nada iria ficar comigo
Que seriam apenas lembranças
De um tempo que passou

Márcio Martelli

E como me lastimo por ter perdido
Boa parte da vida
Por acreditar que teria mais
Sempre mais
Mais amores, mais paixões
Mais vida, mais saúde
Mais dinheiro, mais vontade

E de quem é a culpa: é do tempo!
Que foi impiedoso
Que me trouxe a saudade quando na verdade
Eu queria sorrir
E a lágrima que escorre
Mostra o vazio de meu peito
O vazio de minha vida

Ah, feliz daquele que o tempo já levou
Que habita outras orbes
Que transita em tempo contrário ao meu
Que não sente nostalgia
E nem se incomoda com mais nada daqui

prosa e poesia

Ah! Tempo culpado demais
Perdoa a minha ignorância e conserva-me menino
Perdido nos telhados da casa velha
Aquela mesma casa onde fui tão feliz
Nas noites longas de frio
No calor do verão
Onde sempre estávamos nós, todos nós

Tempo, não me deixa sonhar acordado
Tira essa culpa de minhas costas
A culpa de ter sobrevivido
A culpa de não ter culpa alguma
A culpa de achar que tudo está errado

Ah! Tempo, perdoa-me
E leva-me na hora que for necessário
Deixa sim todas essas lembranças,
Alegrias e mágoas
Para lavar minha alma e purificar
A vida que vivi
Os sonhos que sonhei
Tudo o que realizei e o que não
E me perdoa por não ter sido capaz
Perdoa pelos amigos que não entenderam nada
Perdoa por não ter tido paciência para explicar
Perdoa tudo. Tudo!

Márcio Martelli

E o culpado, Tempo, sou eu mesmo!
Por ter achado
Por ter suspeitado
Por ter levado sem nem sequer poder carregar
E me perdoa por insistir
Eu precisava
Eu preciso
Eu queria e quero
E desta vez, Tempo, espero acertar!



Perdida

Perdi-me
Não sei se por acaso
Opção
Sei que encontro-me
Perdido

Não ouço mais
O silêncio da noite
Nem a voz que me chama
Estou habitando
Meu próprio mundo
E dele não sei
Ao certo se quero
Sair

Perdi-me
De você, dos outros
Dos amigos
Das novidades que
Nunca findam
Da felicidade passageira

E, perdido, não consigo
Decidir qual o caminho
Qual seta seguir

Márcio Martelli

Não há o mínimo desejo
Nem vontade de prosseguir
Apenas um conformismo
Patético que ainda acredita
Que tudo pode mudar

E enquanto nada muda
Tenho de acostumar-me
Ao ostracismo das horas
Devo contar o tempo
Com a precisão dos ingleses
E ter paciência
Mais?
Muita paciência
Muito mais

Mas ainda restam
Perguntas
Respostas
Esclarecimentos
Saudades
De um tempo
Que talvez tenha passado
Mas que, no momento
Deixa-me incomodado
Sem saber bem
Qual destino seguir

Apenas perdido

Quando escrevo

Quando escrevo me aproximo dos meus
Sinto a presença de minha irmã
Como que a guiar meus textos
Ensinando-me a gramática correta
Mostrando-me os caminhos a trilhar

Quando escrevo esqueço até que existo
Sou só uma pequena fagulha acesa
Neste jogo ímpio que é a vida
Faço parte deste quebra-cabeça
Uma peça importante sei que sou
Mas nada disso importa neste momento.

Quando escrevo, voou para bem longe
Londres, Paris, Amsterdam, outros ares,
Certeza de vidas que vivi
E que me marcaram a ferro e fogo
Permitindo-me a volta
Talvez, para consertar,
Senão, de novo errar

Márcio Martelli

Sou assim quando escrevo
Quando perco toda a noção da existência
Esquecendo-me do espelho
Que reflete tudo o que não quero ver
Mostrando-me a vida
Teimosamente a me implorar que fique
Que aceite-a e viva
O que tem de ser vivido
Do qual me desligo totalmente
Quando escrevo!

Há dias e dias

Tem dia que tudo fica difícil.
Sorrir é um esforço sobre-humano;
animar-se parece impossível;
tudo conspira para ser contra
e a gente embarca como se
fosse a coisa mais natural do mundo.

Mas tem dias:
que você nem precisa falar nada
para que eu abra um sorriso do
TAMANHO DO MUNDO;
para que eu ria até quando a porta
se fecha com o meu dedão no canto;
para que eu grite de felicidade
ao ver você chegando e
infe o meu coração de um amor
que mal cabe no meu apartamento...

E quem explica tal coisa?
Quem pode me dizer por que,
às vezes, tenho vontade de chorar
e, às vezes, quero morrer de rir?
Eu não sei.
Queria ter a fórmula que transmutasse
a tristeza em alegria,
mas não, eu apenas sei sentir as emoções.
E, poeta que sou, vivo-as
em sua total plenitude.
Intensamente...
Coitadinho de mim...!!!

Janela escancarada

Abro minha alma que se descortina cenário afora
Carros, aviões, terra, mar e céu
Tudo isso é pouco para ela
Que se aventura por mundos e mundos

Abro minha alma e revelo coisas que não queria
Um grito abafado e surdo de tanta timidez
Uma beleza escondida à revelia
Que não ousava mostrar a ninguém

Abro minha alma e canto com Roberta Flack
Matando suavemente os fantasmas do passado
E louvando as dádivas que irei colher
A cada dia que passo e vivo em silêncio

Abro minha alma e a solidão me chama
Diz-me que devo sair por aí, me arriscar
Que nada fica do jeito que está por muito tempo
E que tudo se modifica a cada minuto e segundo

Abro minha alma e a janela da vida se apresenta
Linda e indomável, desafiando-me a ousar
Dou um sorriso e enfrento a fera
E liberto-me de todas as amarras que, um dia,
tentaram me segurar

Facebook

Mil faces que se apresentaram a minha frente
Mil rostos que sequer os imaginava vivos
Mil pessoas que jamais sonhei conhecer
Mil vidas que invadi em apenas alguns minutos
Mil caminhos que se cruzaram de repente
Mil lembranças de todos que mirei
Mil coisas que nunca vou esquecer
Mil maneiras de esquecer que estou só
Mil jeitos para espantar a solidão

Outras faces

Tem muitas partes de mim que desconheço,
outras que sei de cor.
Tem momentos meus em que sou minha própria essência,
outros, um diabo em forma de gente.
Sou assim mesmo, disforme quando necessário.
Sou a gota de orvalho na flor da manhã
e o pingo de chuva que cai na sua pele morna.
Sou o que você vê e deseja,
mas também sou o inacessível cofre sem senha
que tanto teima em decifrar e abrir.
Não, não me abra, nem tente.
Pandora despertou fúrias indesejáveis ao fazer isso.
Eu não quero atrapalhar a sua vida,
nem fazer parte de nada.
Quero seguir em linhas sinuosas
por esta estrada que meu caminhar me leva.
Onde vou chegar?
Não tenho a mínima ideia.
Sei que tenho de andar, andar e andar...
O destino talvez um dia se apresente
e, quem sabe, com fé o alcanço.

Márcio Martelli

Esta minha faceta conheço bem, a de persistir.
E permanentemente fico otimista,
achando que a busca não é insana.
Que o inverno foi feito para hibernar e dormir tranquilo,
pois na primavera as flores voltarão.
E eu, que perdi esta estação,
devo regar atentamente o futuro.
Porque ele vai chegar.
E com ele, as alvíssaras de um tempo bom.
Tempo de colher.
E eu, que sempre plantei sementes,
deverei colher flores e frutos.
Pelo menos é que está previsto.
Que não seja já, pois não é hora.
E que a hora se faça já, pois é o momento.
Assim espero, assim espero.
Deixa o tempo decidir...

Passagem

Caco de vidro estilhaçado,
pedaço de mim mesmo
solto por aí,
à deriva no mundo,
aguardando um sinal.

Parte de minha alma,
tristeza e esperança,
no embarque de Creonte
atravessando o grande canal
para chegar a um local,
que nem a nossa
mais sutil imaginação
jamais ousou sonhar.

Desconstruindo-me

Sei que não sou eu
E que está além de mim
Nunca fui assim
E não será agora que deverei ficar

Sou um trapo de mim mesmo
Espistando a estrada longa e infinda
Andando em passos loucos
Esbaforido pelo suor e cansaço

Uma mera sombra do que fui
Trilhando estas vias poeirentas e sem brilho
Um caminhar árduo e inseguro
Um navio à revelia do vento

E sei que falta somente um passo
Entre a sanidade e a loucura
Escolho a primeira se me for permitido
Da segunda quero distância segura

Decifra-me

Quando você me oferece apenas sexo
eu me recuo e aceito calado
muito embora saiba
que não é isso o que deseja minha alma
Eu sou um poço de mistérios
e também tenho os meus momentos
onde somente sou corpo
Mas saiba que me dói no peito
fazer de você um servo qualquer
Eu quero mais
Eu preciso de muito mais
Mais do que o momento permite
Mais do que posso exprimir agora
Pois o tempo urge
e as notícias se modificam a todo instante
Por você, tenho carinho agora
e aproveite antes que ele se finde
Sou instantâneo,
por isso fecho-me como as flores noturnas
revelando no ar o meu aroma
que seduz, que chama

Márcio Martelli

Só que você não consegue me achar
Porque não quero ser achado
Sou eu quem desbravo
Sou eu quem conquisto
Por isso não me ofereça aquilo
que estou cansado de oferecer
Quando vier a mim seja excêntrica,
pois somente assim vou aceitar e querer você
Não entenda!
Eu mesmo já desisti de tentar me entender

Esperança viva

Ai de quem suspeitar dos ares de agosto
Ou de quem ousar levantar a voz
Porque este mês queima como chama quente
E não há quem não o experimente
E não se contagie totalmente
De todas as impurezas e loucuras
Que ele traz para a gente

Ai de quem sucumbir e se desanimar
Dizendo que está cansado
Ignorando os chamados e as festas
Caindo no esquecimento e no ostracismo
Das horas que passam inquietas

No meu ver, quero que agosto passe depressa
Como um ferro marcando a pele do gado
Rápido, como um raio,
E me pegue desprevinido
Do tipo: “já passou?”
“Nem percebi!”

Márcio Martelli

Porque tenho pressa de setembro
Quero as flores ardendo no chão
Brotando viva a esperança que aflora
No meu pensamento
No meu livre pensar
Quero as boas novas e a certeza
De que as cores me inspirarão
A realizar coisas, a escrever versos
Que inebriam o cotidiano vivo

Ai de quem tapar os ouvidos
Ai de quem quiser cegar-se
Nas manhãs vivas de agosto
Nascerão as noites de setembro amanhã
E eu somente quero estar vivo
E apreciar o doce aroma das flores se abrindo

Rompantes de pura lucidez

(para Susana Ferretti)

Quando não se tem mais nada
Mais nada se perderá
O ar será o lucro obtido
E a batida interna uma nova forma de vida

Quando se perdeu tudo
E nem mesmo o medo se faz presente
Algo vai mudar, algo se modificará
Talvez em você, talvez em mim
Talvez, eu diria, no mundo

Quando nada mais faz sentido
Deixa o chão ruir aos seus pés
Caia e deite de mansinho
Ouça o galopar dos cavalos ocultos na floresta
A sussurrar o seu nome pedindo atenção

Márcio Martelli

Quando estiver pronta para ouvir: ouça!
Não vai nem precisar prestar atenção
Será a sua consciência falando
E a voz será a do seu coração

Quando achar que tudo acabou, acabou nada!
É apenas um recomeço com novas paisagens
A vida é um abrir e fechar de cortinas
Que revelam portais para quem quiser entrar

E quando suas forças voltarem: aleluia!
Pegue o lápis e o papel e escreva
Ouça no volume mais alto a melodia
E enlouqueça com o perfume da primavera

Pois da cinza renascerá como nunca
Uma nova pessoa, uma nova visão
E por mais que ainda doa em seu peito
Entenda uma simples coisa:
O mundo não vai parar porque você parou!

Quando não houver mais desespero
Quando não houver mais lágrimas
Quando não houver mais amigos
Quando não acreditar mais em você...

Aí sim, estará pronta para viver de novo
Foi duro arrancar esta estaca do peito
Mas foi necessário enfiá-la
É tempo de mudança
E nós só mudamos quando somos obrigados a isso
Ninguém sai da sua comodidade
Para arriscar-se
Quem se arrisca é louco!

Eu sou louco
Você é louca
E não importam as vozes que falam o que querem
O que elas querem é ser você

Quando não houver silêncio: acorde-me!
Quando não houver chuva: molhe-me!
Quando não houver sinal: recolhe-me!
Quando não houver sal: adoça-me!

Quando não houver paz: perdoa-me
E perdoa-os:
“Eles não sabem o que fazem!”

Velhos camaradas

Parece-me que eles vêm a me abraçar
Cumprimentar por mais um ano
Essa data ao qual denominamos
O nosso início de caminhada

E eles vêm acompanhados
Acredito serem companheiros de outrora
Que me acompanham
E indicam a direção certa a tomar

Sinto-me protegido, lisonjeado
Escolhido por tantos e responsável
Por tudo o que preciso e tenho de fazer
Para fazer jus a essa confiança

Abraço forte completa o elo
Despeço-me com versos atropelados
Mas carregados de emoção e saudade
De tudo aquilo que, um dia, vivemos

Ouvindo Bethânia

eu preciso de tão pouco para ser feliz
preciso da voz de Bethânia
cantando *Motriz*
preciso da felicidade incontida
dentro de meu peito
que ansioso aguarda
o lançamento de mais um livro
preciso da primeira cópia
do meu áudio-livro que acabou de chegar
preciso sentir a dor
de descobrir que não vou poder
compartilhar com você
preciso ter a certeza que você ouve
que lê, que me escuta
que vê, que enxerga
que me dá a força motriz
que tanto insiste Caetano
e que me anestesia
embriaga
que me molha de lágrimas
emociona
me põe do avesso
e me confronta comigo mesmo
tal qual um espelho
onde sou eu

Márcio Martelli

me vendo
e tentando decifrar
o que é que realmente quero
onde quero chegar
onde quero me perder
me achar
contar, recontar
perder, reviver
Europa, França, Bahia
som de frevos e atabaques
trem de ferro batucando na memória
e o flash relâmpago a me despertar do sono
dói
dói!!!
dói...
como dói lembrar que já passou
como me faz feliz saber que já passou
como me põe em prantos entender que já passou
mas a nossa voz continua viva
expansiva
no vento que leva
onde nem mesmo ousei chegar
e hoje chego
com a mesma força
com o mesmo entusiasmo
motriz
motriz...

Velhas caras modificadas

São rostos há muito conhecidos
Velhas caras modificadas pelo tempo
Pela vida e pelo empenho em sobreviver

São velhos amigos de viagens
Companheiros de histórias trilhadas
Nas curvas das estradas e por aí afora

São meus primos, meus amigos
Infância de beleza inesquecível
Que hoje retrato em poesia

São faces antigas emolduradas
Em ricas poses fabricadas
Onde nada se sabe, nem se pergunta

São gestos, ora nobres, ora esnobes
De quem não quer se revelar
E esquecem-se de que as marcas do tempo
Não conseguem jamais ficarem ocultas

Márcio Martelli

São meus conhecidos, amores de verão
No outono de minha vida
E fazem parte de mim, de você que me lê
Fazem parte de nossa história
E nunca serão apagados

Estarão sempre lá todas as vezes
Que a vida nos chama
Para ver e contemplar

Aquilo de que fizemos parte um dia
Para que nos orgulhemos e
Quem sabe, consertarmos o que
Equivocado ficou
A vida é para isso, para acertar e errar
E, principalmente, reparar os erros

São meus primos
São meus amigos
Velhas faces queridas
Preservadas para sempre
No alvorecer de minha história

Uma sutil homenagem

(para Picôco Barbaro)

Parte de mim entende
que toda amizade nasce
de um grande afeto,
de confidências e da certeza
do sigilo e da cumplicidade.

Isso porque nos compreendemos
e até mesmo vislumbramos
no outro, semelhanças
ou imaturidades.

Certo de que a história
há de revelar coisas que talvez
nem sequer tenhamos percebido.
A amizade, o querer bem,
o desprendimento e a vontade
de ajudar sem pedir nada em troca.

Ontem, senti-me assim,
pego desprevenido pelo ato
de benevolência e sensibilidade,
do transitar entre gerações
tão distantes e que as traz tão perto de si.

Como, eu pergunto? Não sei.
Sei que tem a mim como um antigo amigo
e correspondo da mesma forma.
Não nos conhecemos antes
porque rumamos por outras paragens
e talvez nem tivéssemos nos identificado
se assim tivesse sido.

Ontem, foi tempo passado.
É hoje que reverencio essa amizade,
esse bem querer, esse riso solto.
Meu querido amigo, a vida
não teria a mínima graça
sem a sua irreverência. Obrigado!

Um reencontro

Em todos os cantos hei de encontrar
Seu cheiro, sua marca, seu desejo exposto
A ânsia de ver você novamente
Põe-me num estado de total euforia
Quando chegar não faça alarde
Deixe que eu descubra pelo olfato
E me guia lentamente ao seu leito
Embragando-me do seu cheiro
Até desfalecer ao seu lado
Quero acordar extasiado
Mergulhado no doce mel dos seus beijos
Sacodido por um tesão incontrolável
De ter você em meus braços mais uma vez
Deixe-me olhar você
Deixe-me admirar você
Deixe-me ter você
E nada mais querer deste mundo
Nem sonhar ou almejar nada
Só a sua imagem junto a minha
Nesta suave caminhada
Que ainda teremos de trilhar
Juntos!

A um cão e seu dono amigos

Nunca sei o que me espera ao abrir a caixa de e-mails
Às vezes, notícias de longe, pessoas, por ora, ausentes
Outras vezes, convites para acontecimentos e festas
E de vez em quando, emoções muito surpreendentes

De fato, estava lá o grande desabafo que contagiava o mundo

E num esbravejar de tristeza e profunda solidão
Ele emanava um sentimento infinito e profundo
De saudosismo e amizade pela passagem do seu cão

Ah, meu amigo, esta vida é apenas
um caminhar com final marcado

O que foi, o que será e o que aconteceu nesta jornada
Pontuada por vivências e acontecimentos indeterminados
Determinam os próximos passos desta sofrida caminhada

E, com certeza, seu cãozinho o aguardará ansioso
Planejando brincadeiras e carinhos de montão
A sua saudade consumir-se-á em prantos silenciosos
Mas o reencontro compensará toda e qualquer solidão

Ébrio

Um poeta anda circulando ao redor
Vejo cálices de vinho
Transbordando nas mesas
De um cabaré qualquer
Ele escreve em guardanapos
Poemas para a dançarina
Que o ignora e joga fora

Um sonhador que acredita no céu
Que despreza a realidade
E vive num mundo de sonhos
E frustrações constantes
Que ele sublima e passa por cima

Um romântico, eu diria
Tolo apaixonado e sem destino
Condenado a vagar pela boemia da vida
Pregando um amor impossível
Querendo o intangível
E refestelando-se com as migalhas
Expostas sobre a mesa do café

Márcio Martelli

Um louco e demente
Moribundo das ruas escuras
Maltrapilho de vermes
Totalmente incoerente e sem razão
Escravo do tempo perdido
A caminhar sem destino
pelas ruas desta cidade
sem poder sequer vislumbrar o seu fim

Feira do livro

São tantos sons, tantas palavras
Que entonteço em meio à arte que
Explode invadindo todos os cantos
E becos deste local

São livros, discos, músicos e canções
Na calada da noite que se inicia
Trazendo consigo acalento e aconchego
Aos vários corações vazios

Surpresas, experimentos, falhas e acertos
Cores e luzes que incendeiam
Chegando até mesmo ofuscar
A mente do poeta que, embevecido,
Expõe no papel suas impressões singelas

Digitais, marcas, acordes, orquestra
Multidão em profusão do ritmo
Equilibrista de Bosco, aplaudido
Pela plateia que inquieta observa
Tudo acontecer e não perde nada

Márcio Martelli

Breves momentos, na minha observação,
Efervescência e inquietude
Palavra efêmera e fora do contexto
Uma pássaro cativo procurando
Seu ninho. Borbulhas

A banda que toca e ensurdece
O alarido dos passos e sussurros
O medo – onde estou agora?
Espanha, Noruega, Brasil?
Estou na paz, estou em paz
E a caneta sangra, marcando o papel
Com as letras que se resultam
Pura e simplesmente de um
Momento contemplativo de observação

Pedido de socorro

Como pode um poeta urbano
Versar sobre a grande cauda do rio?
Ele não sabe de nada
Nem dos amores ribeirinhos
Nem das saias rodadas
Dos que habitam nas margens
Lavando a lida rotineira...

Como é que ele pode entender as lendas
E os costumes dos que aqui habitam
Do ninho do pássaro protegido com espinhos
Do boto que nada e ninguém vê
Da dor do índio que chora
E se vê órfão de uma terra que era sua

Como é que ele sente na pele,
A seiva, sangue das árvores arrancadas,
Se ele mesmo, em sua casa, escreve sobre
Mesa pomposa e toda trabalhada
Com a madeira que desce o rio e entope os canais
É tanto tronco, tanta árvore que se vai
Que o eco resolve vir morar aqui
Nesta clareira donde outrora predominava vida

Márcio Martelli

Me diz, como ele pode?

Me diz, o que é que ele sente?

Quando entro no rio, navego com vagar

Olho sob cada folha sem descuido

Eis que, num sobressalto, ela pode surgir

E, numa emboscada, me atacar em defesa

Mas navego tranquilo na águas deste rio

O medo desafia mas o esplendor encoraja

Manso, remo em rumo ao desconhecido

E encanto-me com a beleza deste local

Então, eu lhe digo:

– Como poeta posso dizer o que sinto

Ou o que vi nos breves momentos que passei

Dentro de uma canoa no braço do rio

Eu vi peixe, vi tronco que parecia jacaré,

E era! Dei risada e gargalhada

Andei na ponte de madeira e

Para os peixes, ofertei pão

E quanto peixe, meu Deus, quanto peixe!

Nunca imaginei que pudessem ter

Tamanho tão grande!!

Pululavam sobre as águas escuras

Alimentando-se do meu gesto

E o espelho mostrava que tudo era infinito

prosa e poesia

Não sabia ao certo onde o rio acabava
E a mata subia, pois tudo se refletia
E o mundo era um grande abraçar de anjos
Tocando suas cornetas anunciando o entardecer

Eu vi a face de Deus naquela hora
Entre excitante passeio e maravilhamento
As copas frondosas, os macacos nos galhos
A preguiça alongando-se e a onça à espreita
Cada pequenino detalhe de flor eu vi
Cada pássaro, cada peixe
E o ar, eu respirei profundo

Então, eu posso dizer sobre tudo
E indignar-me também. Protestar!
Os olhos Dele pediam ajuda
“Preserve este lugar”, era a mensagem
Os meus sentidos todos tremiam
Mas a alma estava branda
Eu vi o rio, o maior rio do mundo
E nunca me esquecerei de nada do que vi
Rezo e rogo para que continue intacto
E isso, todos sabemos, que dificilmente se cumprirá
Embora muito se lute, muito se fale
O rio está indo embora cada vez mais...

Reticente

Esplêndida criatura
Com características humanas
Explana em frases o futuro
Contraí as crises, ora insanas
E revela as ondas que me clama

Fátuo fogo que arde em ti
Leve o poder além da chama
Invade os terrenos e proclama
A soberana parte que suflama

E leva de mim a parte inócua
Profunda arte que arde em ti
Poder e glória esquece em vão
A luta diária que enobrece hoje

Perde-se e encontra-se
No momento exato da apoteose
Agradeço ao céu por tanta chance
E segue ao longe sua árdua jornada

Dia de São José

Vai tocando o sino
Blim, blem, blom
Vai ouvindo a melodia
E as vozes celestiais
Blim, blem, blom
Vai deixando se guiar
Pelo coro dos anjos
Liberte-se devagar
Sinta a sua alma se desprender
E mergulhe no passado
Blim, blem, blom
Imagine frades franciscanos
Puxando a corda num balé performático
E deixe o mantra envolvê-lo
Blim, blem, blom
E a vida vai passando
E seu corpo se estremece
Sua mente vai divagando

Márcio Martelli

E toda a sua essência
Vai adquirindo sabedoria
Deixa
Deixe
Liberte-se
Os sinos soam
Sua alma voa
Seu corpo leve
Voltando repentinamente
Ligue-se a tudo de novo
O som emudecendo
Seus olhos se abrindo
E a vida
Continuando...

Solidão

Não me deixe aqui.
Leva-me consigo só dessa vez,
que prometo compensar com beijos,
que juro não incomodar
nem um minuto sequer;
que minha presença não será sentida
e a sua vida irá seguir normalmente.
Serei mudo e surdo.
Nada verei a não ser o que pode ser visto.
Nada falarei.
Serei fiel a você se é o seu desejo
e estarei ali no momento que me chamar.
É só que eu peço...
Não me deixe aqui!

Márcio Martelli

Da seu jeito

(para Sônia Cintra)

Com ares de zelosa mãe
Ela cuida do rebento que não é seu
Protege e afaga com carinhos
Afastando-o da mão que agride

Com palavras doces e bem escolhidas
Ela elege o seu panteão
Aqueles que lhe são fiéis
E a eles responde com reciprocidade

Com um jeito que é só dela
Trazendo mimos e doces para recompensar
A amizade, a ausência e o bem querer
Que é o seu modo de dizer as coisas

Com carinhos e caprichos
Ela vai desenhando uma amizade
Que se torna cativa ao coração
Daqueles que também a querem bem

E ai de quem ousar molestar suas crias
Essa leoa feroz defende
Com unhas e garras a índole de sua prole
Suas amigadas queridas e estimadas

Sumária

PROSA

A missa	11
A obra	12
Instante	13
Pequenos prazeres	14
O vento soprando	15
Escrever	16
Ecos da solidão ou... ..	18
No meu peito um vazio	20
Resolução n° 42	24
Um pedacinho de mim	25
O presente	27
O show	28
O susto	29
No fundo esperava por mim .	30
Carta ao poeta	32
Mundos	34
O padroeiro	36
O Grande Circular	38
Menino, outra vez	40
Seriado	45
As redes sociais	46
Foi assim, de repente	47
Quando o mar tem... ..	49
Viagem	50
Afinidade	51
Can can	52
Outrora um amor	53

POESIA

Mudo	57
Amor errante	58
Minha casa	60
E o que ficou?	61
Nada	62

Fim de caso	64
Instante	66
Tarefa	67
Resignação	68
De muitas Capelas	70
Inconformada	72
Insanamente sozinho	74
Naturalmente vivo	76
Passa tempo	79
E, de repente, o amor	80
É o tempo que passa	84
Perdido	88
Quando escrevo	90
Há dias e dias	92
Janela escancarada	94
Facebook	95
Outras faces	96
Passagem	98
Desconstruindo-me	99
Decifra-me	100
Esperança viva	102
Rompantes de... ..	104
Velhos camaradas	107
Ouvindo Bethânia	108
Velhas caras modificadas ..	110
Uma sutil homenagem	112
Um reencontro	114
A um cão e seu dono... ..	115
Ébrio	116
Feira do livro	118
Pedido de socorro	120
Reticente	123
Dia de São José	124
Solidão	126
Do seu jeito	127



Em 2005 lancei o meu primeiro livro. Nestes cinco anos, que praticamente voaram, lancei outros títulos, estreei na literatura infantil, organizei diversas antologias, além de ter me dedicado, cada vez mais, em revelar novos talentos literários de nosso país.

O caminho do escritor é árduo, mas compensador. Não há como não se emocionar nos momentos em que um leitor comenta algum texto que o sensibilizou ou então quando solicita uma dedicatória especial em seu exemplar.

São nestas horas que esse caminho mostra-se ainda mais divino, confirmando-me que escrever é mais do que uma missão; é um compromisso que tem de ser encarado com seriedade e responsabilidade.

Escrever faz parte de minha essência e eu não conseguiria prosseguir minha vida sem a minha escrita. Nela, me liberto e sou livre de corpo e alma, podendo alçar voos e alcançar você, leitor, que acredita no que faço e me estimula a novos desafios literários.

A todos, o meu muito obrigado!

Márcio Martelli



 EDITORA
in house
www.editorainhouse.com.br


LINGERIE MEIAS CUECAS
www.pontodemeia.com.br